

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS DE FILOSOFIA

4

3^a
SÉRIE



Ensino Médio

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

 /SeeducRJ

 /seeducrj

 /seeducrj

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Educação

Comte Bittencourt
Secretário de Estado de Educação

Andrea Marinho de Souza Franco
Subsecretária de Gestão de Ensino

Elizângela Lima
Superintendente Pedagógica

Maria Claudia Chantre
Coordenadoria de Área de conhecimento

Assistentes

Carla Lopes
Fabiano Farias de Souza
Roberto Farias

Texto e conteúdo

Prof. Alexandre Botelho José
CIEP 394 Cândido Augusto Ribeiro Neto
Prof. Vitor Dantas de Moraes
C.E. Irineu José Ferreira
Profª. Joana da Costa Macedo
C.E. Professora Luiza Marinho

Capa

Luciano Cunha

Secretaria de
Educação



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Revisão de texto

Prof.^a Andreia Cristina Jacurú Belletti

Prof.^a Andreza Amorim de Oliveira Pacheco

Prof.^a Cristiane Ramos da Costa

Prof.^a Deolinda da Paz Gadelha

Prof.^a Elizabete Costa Malheiros

Prof.^a Karla Menezes Lopes Niels

Prof.^a Kassia Fernandes da Cunha

Prof. Marcos Giacometti

Prof. Mário Matias de Andrade Júnior

Prof. Paulo Roberto Ferrari Freitas

Prof.^a Regina Simões Alves

Prof. Sammy Cardozo Dias

Prof. Thiago Serpa Gomes da Rocha

Este documento é uma curadoria de materiais que estão disponíveis na internet, somados à experiência autoral dos professores, sob a intenção de sistematizar conteúdos na forma de uma orientação de estudos.



Filosofia – Orientação de Estudos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. AULA 1: Hora do vídeo!.....	7
3. AULA 2: O sujeito histórico.....	7
3.1. O sujeito na Grécia Antiga.....	7
3.2. O sujeito na modernidade	9
3.3. O que pensar sobre o sujeito nos dias atuais?.....	10
4. AULA 3: #Papo de Filósofo: Norberto Bobbio.....	12
4.1. Política e ética	12
4.2. Vamos refletir:	14
5. AULA 4: Produção de conhecimento.....	14
5.1. Conhecimento autoral	15
5.2. Importância da pesquisa para a sociedade	15
6. AULA 5: O “Enem” sabia disso?.....	16
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
7.1. Leitura Sugerida:	19
8. RESUMO.....	19
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

Secretaria de
Educação



**GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO**

DISCIPLINA: Filosofia.

ORIENTAÇÕES DE ESTUDOS PARA FILOSOFIA

4º Bimestre de 2020 – 3ª Série do Ensino Médio

Profa. Joana da Costa Macedo

META:

Perceber-se enquanto sujeito político e parte integrante de uma coletividade, e enquanto sujeito capaz de produzir conhecimento crítico.

OBJETIVOS:

Ao final destas Orientações de Estudos, você deverá ser capaz de:

- Perceber-se como sujeito político na vida da “cidade”.
- Ser capaz de apresentar trabalho autoral a partir das discussões filosóficas realizadas no ensino médio.

Secretaria de
Educação



**GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO**

1. INTRODUÇÃO

Caros alunos,

Vocês já se perguntaram como nossa atitude individual pode impactar a sociedade? Muitas vezes é difícil ter a real noção desse impacto, não é mesmo?

Nessa última Orientação de Estudo, vamos problematizar e compreender cada um de nós como sujeitos políticos, entendendo que nossas ações afetam as pessoas que estão a nossa volta e com as quais nos relacionamos, bem como afetam o território que habitamos.

Além disso, como parte importante dessa derradeira OE do Ensino Médio, daremos especial atenção para nossa capacidade de elaborar um conhecimento autoral, que parta da nossa própria habilidade de produzir conhecimento a partir de tudo que realizamos ao longo dos anos escolares.

Bons estudos!

2. AULA 1: Hora do vídeo!

No vídeo abaixo, o prof. Benilton Bezerra conduz uma explicação sobre o significado do termo sujeito, apresentando uma perspectiva histórica e sobre a construção desse sujeito nas sociedades modernas. Ele também faz um panorama sobre como as pessoas interpretam o significado do sujeito na nossa sociedade atual, enfatizando a diferença atribuída ao termo sujeito ao longo dos anos, e também a diferença manifestada na construção desse sujeito em termos culturais quando se analisa diversas sociedades.



Acesse:

<https://youtu.be/UY6Pc9JHgc8>

3. AULA 2: O sujeito histórico

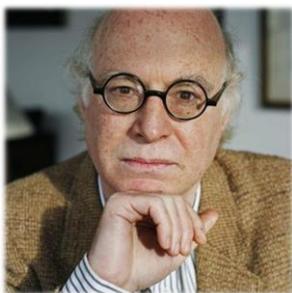
Essa parte inicial será dedicada ao estudo do sujeito e sua inserção na cidade. Isso significa que localizaremos a formação do sujeito como sendo histórico e politicamente orientado.

Vamos começar?

3.1. O sujeito na Grécia Antiga

Quando a gente estuda os sujeitos, precisamos contextualizar no tempo e no lugar que queremos dizer. O sujeito na Grécia Antiga está atrelado ao uso do corpo e sua inserção na cidade. A problemática de se pensar a cidade implica trabalhar com diferentes imaginários sobre os sujeitos. Esse imaginário forma uma intervenção na realidade que, no entanto, não é um elemento dado, mas se constrói a partir de um processo de subjetivação que se volta para o real, reordenando-o e reafirmando-o.

A máxima de Descartes que diz “penso, logo existo”, conforme vimos em outras aulas, é descontaminada de qualquer erro que o sentimento pode causar. Descartes buscava uma racionalidade no pensamento dos indivíduos na cidade. No entanto, trata-se de pensar a cidade como uma instância de processo de subjetivação, na qual os sujeitos são formados, e não apenas como um objeto material.



RICHARD SENNETT

Fonte:

<https://ipk.nyu.edu/people/richard-sennett/>

Richard Sennett (1943 – atual) analisa o sujeito por meio de uma reflexão sobre o corpo do cidadão em Atenas. Sabemos que cidadão era aquele que vivia na cidade. Ele chama a atenção para a nudez dos corpos como um elemento de admiração na Grécia. O autor observa que, na Grécia Antiga, os corpos desnudados eram um indicativo de civilização, permitindo a distinção entre as pessoas consideradas fortes e as vulneráveis, como também servia para distinguir os bárbaros e os estrangeiros.

E o corpo era idealizado como algo perfeito. Quem nunca ouviu a expressão popular “deus grego”? Isso significava que o corpo era forjado em seu exercício na cidade, ao participar das deliberações políticas que aconteciam na ágora, ao guerrear, ao competir nos jogos olímpicos. Essa passagem remete a uma questão paradigmática, pois concerne à valorização da coisa pública, da república, da *res pública*, por meio da participação dos sujeitos no espaço público. A construção do sujeito se realiza, portanto, pela função pública dos cidadãos.

O sujeito grego, especificamente os homens que estavam na categoria de cidadãos, só exerciam sua cidadania, por meio da participação pública. Pode-se inferir que o sujeito da antiguidade tinha uma funcionalidade pública. O corpo era exposto, e essa exposição era valorada enquanto exercício de cidadania. Nesse sentido, o conceito de sujeito apresentava um caráter universal.

Havia uma valorização na exposição do corpo, ao contrário do que parece ocorrer nos dias atuais cujo



Fonte:

<https://novaescola.org.br/conteudo/1440/em-busca-do-corpo-perfeito>

exibicionismo parece está ligado a uma estética pessoal. Com o avanço da sociedade industrial, e com ela, a urbanização, foi-se estruturando um novo tipo de sujeito, o qual caracteriza nosso tipo de individualismo moderno. Tanto que na sociedade contemporânea, o sujeito moderno vai ser interpretado do ponto de vista do consumo e de sua espetacularização.

3.2. O sujeito na modernidade

Você deve estar se perguntando, e como será que esse sujeito é pensado na sociedade moderna?

A sociedade contemporânea parece se caracterizar por uma valorização, por vezes excessiva, da imagem. No entanto, a exibição do corpo não se encontra mais relacionada à cidade, às questões públicas. O corpo contemporâneo tem uma funcionalidade privada. Como Sennett argumentou, a exibição do corpo moderno está condicionada a seu respectivo subgrupo – não está mais submetido à cidade, senão a própria pessoa.

Existe um pensamento dominante do que seria um corpo humano perfeito. Esse imaginário se reflete no tipo de consumo que os indivíduos vão ter, no tipo de corpo que vai ser construído, no tipo de opinião que vai ser formada, entre outras características. Na sociedade contemporânea, esse imaginário tenta se legitimar enquanto realidade por meio da construção de uma espécie de distinção social.

Todos esses estilos de comportamento são culturais, e formados a partir da construção de novas subjetividades. Conforme vimos em outro bimestre, a ideia foucaultiana de “corpos dóceis” ou “corpos disciplinados” é uma variante do que foi exposto acima, e parte da vertente analítica institucional. A instituição, seja a família ou a escola, vai ser responsável pela educação do corpo na sociedade. O pensamento de que o corpo é composto por determinados elementos e condutas sociais, da classificação dominante de uma determinada época, está relacionada à ideia de que os corpos estariam sendo vigiados o tempo todo pelos outros indivíduos.

Mais uma vez, podemos usar como exemplo as redes sociais, onde postamos fotos e textos opinativos para outras pessoas olharem e “curtirem”. Por um lado, essas tecnologias promovem uma nova forma de sociabilidade e

subjetividade, por outro lado, elas suscitam uma espetacularização das vidas. Essa visibilidade que as tecnologias provêm podem ser positivas ou negativas, dependendo da forma como as utilizamos. A charge ilustrada abaixo é representativa dessa situação que mencionamos.



Fonte: <https://www.vvale.com.br/charges/charge-fogo/>

3.3. O que pensar sobre o sujeito nos dias atuais?

Diante do que estudamos até aqui, também precisamos prestar atenção para o crescimento das cidades e a acentuação da distinção entre campo e cidade. Apesar de herdarmos o termo da Grécia Antiga, a ideia de cidade que temos hoje não é igual àquela, uma vez que a cidade, enquanto *locus* de formação política do sujeito, foi descaracterizada por conta do aumento da quantidade de pessoas que passaram a habitar as partes urbanizadas da cidade. Podemos acrescentar que, do ponto de vista urbanístico, a cidade é composta por muitos lugares fechados onde a circulação de pessoas é limitada, como os condomínios e os *shoppings center*.

Além disso, há a complexidade das relações sociais que se formam em torno de determinados valores de *status*, como por exemplo, a reputação, o dinheiro. O desenvolvimento dessa sociedade deu origem ao tipo de relações individuais que conhecemos hoje. Dentro desse contexto, o conceito de “fluidez”

de **Zygmunt Bauman** (1925-2017), se torna bastante premente. Na “sociedade líquida”, imperam relações sociais mais superficiais e efêmeras.

Em um mundo globalizado, no qual as relações entre tempo e espaço mudaram radicalmente, as formas de relacionamentos também passaram por mudanças. Portanto, essas relações não são sólidas nem duradouras, elas acontecem conforme o interesse e a necessidade do momento – é como se tentasse, analogicamente, pegar com a mão uma ducha de água e esta escorregasse por entre os dedos.

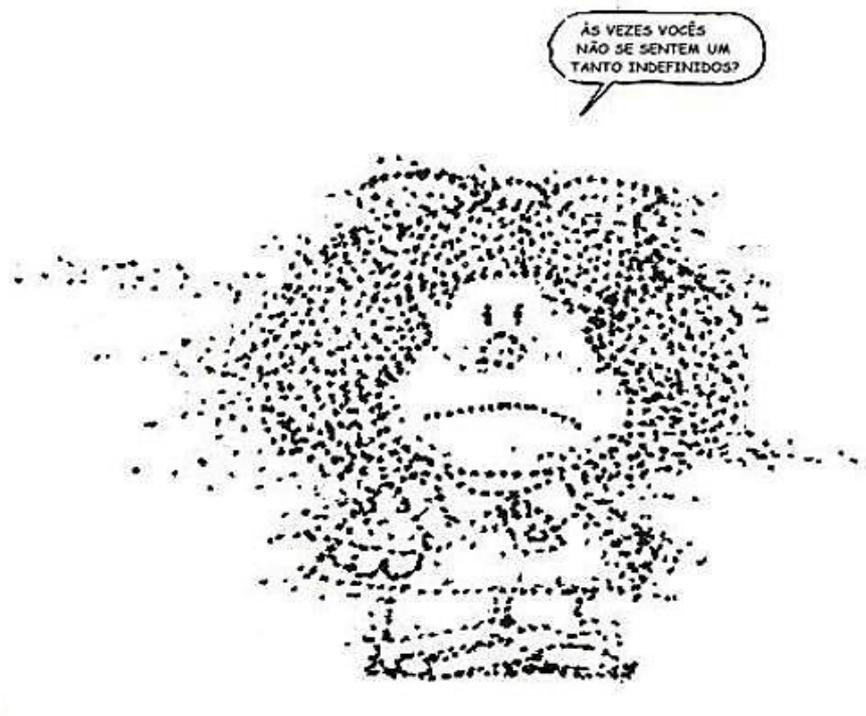
O sujeito na cidade também tem um papel muito importante a desempenhar nas sociedades atuais. Mesmo que tenhamos relações sociais que são mediadas pela tecnologia, o sujeito moderno ainda possui responsabilidades cívicas e morais para com seus semelhantes. Quando estudamos a parte política da sociedade democrática, pretendemos enfatizar a necessidade de pensarmos e agirmos em prol do bem da sociedade como um todo, e nos engajarmos em atitudes que sejam éticas.



ZYGMUNT BAUMAN

Fonte:

<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/bzygmunt-baumanb-vivemos-o-fim-do-futuro.html>



Fonte: <https://rafadivino.wordpress.com/2010/12/01/tudo-que-e-solido-desmancha-no-ar/>

De fato, o conceito de sujeito se transformou ao longo do tempo, pois incluiu os novos valores sociais e morais que foram surgindo ao longo do tempo, bem como foi se adaptando a novos formatos de relações sociais guiadas, principalmente, pelas novas tecnologias e pelas redes sociais.

4. AULA 3: #Papo de Filósofo: Norberto Bobbio

No seu livro *Dicionário de Política*, o Prof. Norberto Bobbio oferece algumas definições associadas à área política. O fragmente exposto abaixo apresenta uma explicação a respeito da política como ética. Leia o fragmento abaixo e responda as perguntas logo após o texto:



NORBERTO BOBBIO
Fonte:

<https://norbertobbio.wordpress.com/2009/12/20/the->

4.1. Política e ética

Quem não quiser ficar apenas na constatação da incomensurabilidade destas duas éticas e queira procurar entender a razão pela qual o que é justificado num certo contexto não o é em outro, deve perguntar ainda onde é que reside a diferença entre esses dois contextos. A resposta é a seguinte: o critério da ética da convicção é geralmente usado para julgar as ações individuais, enquanto o critério da ética da responsabilidade se usa ordinariamente para julgar ações de grupo, ou praticadas por um indivíduo, mas em nome e por conta do próprio grupo, seja ele o povo, a nação, a Igreja, a classe, o partido, etc.

Poder-se-á também dizer, por outras palavras, que a diferença entre moral e Política, ou entre ética da convicção e ética da responsabilidade, corresponde também a diferença entre ética individual e ética de grupo. A proposição de que o que é obrigatório em moral não se pode dizer que o seja em Política, poderá ser traduzida por esta outra fórmula: o que é obrigatório para o indivíduo não se pode dizer que o seja para o grupo de que o indivíduo faz parte. Pensemos quão profunda é a diferença de juízo dos filósofos, teólogos e moralistas acerca da violência, quando o ato violento é praticado só pelo indivíduo ou pelo grupo social de que ele faz parte, ou, por outras palavras, quando se trata de violência pessoal que, afora os casos excepcionais, é geralmente condenada,

e quando se trata de violência das instituições que, afora os casos excepcionais, é geralmente justificada.

Essa diferença tem a sua explicação no fato de que, no caso de violência individual, não se pode recorrer quase nunca ao critério de justificação da *extrema ratio* (salvo quando em legítima defesa), ao passo que, nas relações entre grupos, o recurso à justificação da violência como *extrema ratio* é usual. Ora, a razão por que a violência individual não se justifica, funda-se, precisamente no fato de que ela está, por assim dizer, protegida pela violência coletiva, tanto que é cada vez mais raro, quase impossível, que o indivíduo venha a se encontrar numa situação de ter de recorrer à violência como *extrema ratio*.

Se isto é verdadeiro, resultará daqui uma consequência importante: a não justificação da violência individual assenta, em última instância, no fato de ser aceita, porque justificada, a violência coletiva. Por outras palavras, não há necessidade da violência individual, porque basta a violência coletiva: a moral pode resolver ser tão severa com a violência individual, porque se fundamenta na aceitação de uma convivência que se rege pela prática contínua da violência coletiva.

O contraste entre moral e Política, entendido como contraste entre ética individual e ética de grupo, serve também para ilustrar e explicar a secular disputa existente em torno da "razão de Estado". Por "razão de Estado", se entende aquele conjunto de princípios e máximas segundo os quais, ações que não seriam justificadas, se praticadas só pelo indivíduo, são não só justificadas, como também, por vezes exaltadas e glorificadas, se praticadas pelo príncipe ou por quem quer que exerça o poder em nome do Estado. Que o Estado tenha razões que o indivíduo não tem ou não pode fazer valer, é outro dos modos de evidenciar a diferença entre Política e moral, quando tal diferença se refere aos diversos critérios, segundo os quais se consideram boas ou más as ações desses dois campos.

A afirmação de que a Política é a razão do Estado encontra perfeita correspondência na afirmação de que a moral é a razão do indivíduo. São duas razões que quase nunca se encontram: é até desse contraste que se tem valido a história secular do conflito entre moral e Política. O que ainda é necessário acrescentar é que a razão de Estado não é senão um aspecto da ética de grupo, conquanto o mais evidente, quando menos porque o Estado é a coletividade em seu mais alto grau de expressão e de potência. Sempre que um grupo social age em própria defesa contra outro grupo; se apela a uma ética diversa da geralmente válida para os indivíduos, uma ética que responde a mesma lógica da razão de Estado. Assim, ao lado da razão de Estado, a história nos aponta, consoante as circunstâncias de tempo e lugar, ora uma razão de

partido, ora uma razão de classe ou de nação, que representam, sob outro nome, mas com a mesma força e as mesmas consequências, o princípio da autonomia da Política, entendida como autonomia dos princípios e regras de ação que valem para o grupo como totalidade, em confronto com as que valem para o indivíduo dentro do grupo.

BOBBIO, N. **Dicionário de Política**. Brasília: Ed. UnB, 2004.

4.2. Vamos refletir:

1. Com base na leitura do texto acima, como podemos entender a política como ética?
2. Tendo em vista sua leitura do texto, como podemos interpretar a charge abaixo?



Fonte: <https://www.bocamaldita.com/charge-do-dia-e-o-fim-da-politica-por-nanihumor-com/>

5. AULA 4: Produção de conhecimento

Ao longo das aulas de Filosofia do Ensino Médio, estudamos constantemente a questão do conhecimento e do conhecimento científico. Nessa última parte do bimestre, enfatizaremos a produção de conhecimento autônomo e crítico, e finalizaremos com uma reflexão a respeito da importância da pesquisa para a produção desse conhecimento científico e crítico.

5.1. Conhecimento autoral

O estudo da Filosofia permite que desenvolvamos nossa capacidade crítica e racional sobre os mais variados temas e assuntos. Depois de tanto estudo e reflexão, chegamos a um momento no qual devemos produzir conhecimento por nossa própria conta. Estudamos que ao longo das nossas vidas, somos receptores de conhecimento escolar, normas sociais, pois assim nos constituímos.

A partir de um ponto, desenvolvemos nossa autonomia sobre nossas próprias decisões de vida e de pensamento. Com base nos estudos filosóficos, o conhecimento científico produzido e os resultados de pesquisa encontrados partem de um acúmulo de coisas estudadas e pesquisadas, e de sistematização de tudo que aprendeu. Assim, passamos de simples reprodutores de conteúdo, a produtores e protagonistas de novos saberes e novas formas de pensar.

Um outro ponto que os estudos filosóficos incrementam, é nossa capacidade crítica, ou seja, nossa capacidade de questionar e de procurar novas informações. De buscar diferentes e confiáveis fontes de informação e conseguir articular nossas próprias opiniões.

5.2. Importância da pesquisa para a sociedade

O conhecimento se materializa em um resultado específico quando fazemos uma pesquisa. Se você tem alguma curiosidade em saber determinado assunto, basta entrar no Google, certo? Parece fácil, não é mesmo? Essa procura rápida que fazemos na internet é válida, mas para se efetivar em um conhecimento científico e racional, precisamos ir além disso. É necessário sistematizar as hipóteses e chegar a determinados resultados que irão explicar como um fenômeno ocorre, seja ele natural ou social.

A pesquisa pode ter diferentes métodos a depender dos objetivos e das finalidades do objeto que se quer pesquisar, e ela é o pilar para a produção de conhecimento científico. Mencionamos em outro momento do ano em nosso estudo filosófico que existem alguns métodos dependendo da corrente filosófica.

Em muitos desses estudos, uma característica presente nos métodos é seu caráter de experimentação. Para sabermos se uma ideia ou tema tem validade, precisamos comprovar na prática se ela funciona. Não é fácil fazer

pesquisa, pois ela incorre em muitas tentativas, como bem reflete a charge abaixo. No entanto, seus resultados podem ser de grande valia para nossa sociedade no sentido de produzir novas ideias e novos conhecimentos.



Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/33902456>

#Parasabermas:



<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/509>

6. AULA 5: O “Enem” sabia disso?

1. ENEM 2019

A importância do conhecimento está em seu uso, em nosso domínio ativo sobre ele, quero dizer, reside na sabedoria. É convencional falar em mero conhecimento, separado da sabedoria, como capaz de inculcar uma dignidade peculiar a seu possuidor. Não compartilho dessa reverência pelo conhecimento como tal. Tudo depende de quem possui o conhecimento e do uso que faz dele.

WHITEHEAD, A. N. *Os fins da educação e outros ensaios*. São Paulo: Edusp, 1969.

No contexto do pensamento político, a ideia apresentada mostra-se consoante o(a):

- Prioriza o rigor conceitual.
- Valoriza seus dogmas.
- Avalia sua aplicabilidade.
- Busca a inovação tecnológica.
- Instaura uma perspectiva científica.

2. ENEM 2013

Os produtos e seu consumo constituem a meta declarada do empreendimento tecnológico. Essa meta foi proposta pela primeira vez no início da Modernidade, como expectativa de que o homem poderia dominar a natureza. No entanto, essa expectativa, convertida em programa anunciado por pensadores como Descartes e Bacon e impulsionado pelo iluminismo, não surgiu “de um prazer de poder”, “de um mero imperialismo humano, mas da aspiração de libertar o homem e de *enriquecer* sua vida, física e culturalmente”.

CUPANI, A. A tecnologia como problema filosófico três enfoques. *Scientiae Studia*. São Paulo, v. 2, n. 4. 2004 (adaptado).

Autores da filosofia moderna, notadamente Descartes e Bacon, e o projeto iluminista concebem a ciência como uma forma de saber que almeja libertar o homem das intempéries da natureza. Nesse contexto, a investigação científica consiste em:

- a) Expor a essência da verdade e resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes.
- b) Oferecer a última palavra acerca das coisas que existem e ocupar o lugar que outrora foi da filosofia.
- c) Ser a expressão da razão e servir de modelos para outras áreas do saber que almejam o progresso.
- d) Explicitar as leis gerais que permitem interpretar a natureza e eliminar os discursos éticos e religiosos.
- e) Explicar a dinâmica presente entre os fenômenos naturais e impor limites aos debates acadêmicos.

3. ENEM 2019

A lenda diz que, em um belo dia ensolarado, Newton estava relaxando sob uma macieira. Pássaros gorjeavam em suas orelhas. Havia uma brisa gentil. Ele cochilou por alguns minutos. De repente, uma maçã caiu sobre a sua cabeça e ele acordou com um susto. Olhou para cima. “Com certeza um pássaro ou um esquilo derrubou a maçã da árvore”, supôs. Mas não havia pássaros ou esquilos na árvore por perto. Ele, então, pensou: “Apenas alguns minutos antes, a maçã estava pendurada na árvore. Nenhuma força externa fez ela cair. Deve haver alguma força subjacente que causa a queda das coisas para a terra”.

The English Enlightenment, p. 1-3, apud MARTINS, R. A. A maçã de Newton: história, lendas e tolices. In: SILVA, C. C. (org.). **Estudos de história e filosofia das ciências**: subsídios para aplicação no ensino. São Paulo: Livraria da Física, 2006. p. 169 (adaptado).

Em contraponto a uma interpretação idealizada, o texto aponta para a seguinte dimensão fundamental da ciência moderna:

- a) Falsificação de teses.
- b) Negação da observação.
- c) Proposição de hipóteses.
- d) Contemplação da natureza.
- e) Universalização das conclusões

4. ENEM 2018

Quando analisamos nossos pensamentos ou ideias, por mais complexos e sublimes que sejam, sempre descobrimos que se resolvem em ideias simples que são cópias de uma

sensação ou sentimento anterior. Mesmo as ideias que, à primeira vista, parecem mais afastadas dessa origem mostram, a um exame mais atento, ser derivadas dela.

HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Depreende-se deste excerto da obra de Hume que o conhecimento tem a sua gênese na:

- a) Convicção inata.
- b) Dimensão apriorística.
- c) Elaboração do intelecto.
- d) Percepção dos sentidos.
- e) Realidade transcendental.

Fonte: <https://www.qconcursos.com/>

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final, pessoal!

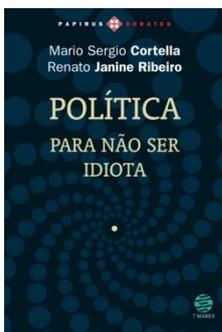
Concluímos uma etapa muito importante das nossas vidas que é a conclusão do Ensino Médio! Foi uma longa jornada até aqui, aprendemos muito!

Nessa última Orientação de Estudo, refletimos sobre a construção do sujeito que é um elemento histórico e cultural. Passamos pelo sujeito constituído lá na Grécia Antiga para chegarmos aos dias atuais e pensarmos nossa sociedade contemporânea. Vimos que antigamente, o sujeito era intimamente concebido junto à polis, em sua função pública. O sujeito da vida moderna se constitui em um individualismo moderno no qual a vida privada acaba prevalecendo, como exemplificamos com o caso do uso das redes sociais que pode provocar a espetacularização da vida.

Por fim, refletimos sobre a produção do conhecimento científico, o qual foi objeto frequente das nossas discussões filosóficas, mas desta vez, enfatizamos essa produção autônoma e autoral. Depois de tanto estudar a importância do conhecimento científico para nossa sociedade e para nossa própria vida, chegou o momento de nos percebermos como produtores e autores de conhecimento. Esse protagonismo cumpre uma função social de sermos capazes de racionalizar e de ter uma consciência crítica sobre os fenômenos e a sociedade.

Parabéns!

7.1. Leitura Sugerida:

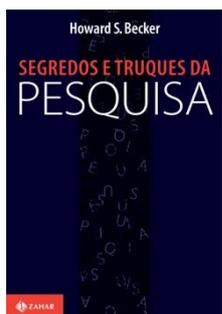


- *Política para não ser idiota*

Autor: Mario Sérgio Cortella e Renato Janine Ribeiro.

Editora: Papyrus 7 Mares.

Resumo: No livro, os dois autores discutem o que significa agir politicamente e ser um sujeito político na sociedade. Eles entendem que todos nós agimos e vivemos politicamente em quase todos os lugares pelos quais circulamos. Para construir esse argumento, os autores refletem sobre o conceito de política no sentido de ser um dever dos indivíduos de viver em sociedade de forma ética e de engajar publicamente nas questões sociais.



- *Segredos e truques da pesquisa*

Autor: Howard Becker. **Editora:** Zahar.

Resumo: O livro do autor Howard Becker representa um grande manual sobre como fazer pesquisa. Nesse sentido, o livro apresenta um conjunto de métodos necessários para realizar uma investigação empírica e qualitativa. Toda essa discussão metodológica contribui para a produção do conhecimento científico e que seja baseado em evidências.

8. RESUMO

Nestas Orientações de Estudos do 3º Bimestre de 2020, Filosofia – 3ª série, você aprendeu:

- No vídeo proposto, a construção do conceito de sujeito no tempo e no contexto histórico;
- O sujeito na Grécia Antiga;
- O sujeito na sociedade moderna e a transformação do conceito em adaptação aos novos valores da modernidade;
- Refletimos sobre a construção do sujeito em uma sociedade tecnológica e globalizada;

- O prof. Norberto Bobbio, em seu texto, apresentou o conceito de política, atrelado ao conceito de ética, de modo a entender como os dois termos andam juntos quando se considera a sociedade como um todo;
- Trabalhamos a temática da liberdade com Benjamin Constant e seu estudo comparativo entre a liberdade dos antigos e a liberdade dos modernos;
- Entendemos a importância da produção do conhecimento feito de forma autônoma e autoral;
- A relevância da pesquisa como um meio pelo qual o conhecimento científico é produzido
- Por fim, alguns exercícios do Enem para praticarmos as questões de Filosofia relacionadas aos temas abordadas ao longo dessa OE.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**. Introdução à Filosofia. 6 ed. São Paulo: Moderna, 2016.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2004.

BOBBIO, N. **Dicionário de Política**. Brasília: Ed. UnB, 2004.

BOURDIEU P. Remarques provisoires sur la perception sociale du corps. In: **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 14, Présentation et représentation du corps. pp. 51-54, abril 1977 [Tradução de Sônia Giacomini].

BUCKINGHAM, W. **Livro da Filosofia**. São Paulo: Globo, 2011.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. São Paulo: Editora Vozes, 2005.

SENNETT, R. **Carne e pedra**: O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.